



CULTURA E IDENTIDADE SURDA: A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

IRANILDE DOS SANTOS ROCHA SOUZA
RITA DE CÁCIA DOS SANTOS SOUZA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de compreender a cultura e a identidade surda através da Libras como instrumento de inclusão. Justifica-se, essa pesquisa, pela necessidade de informação sobre as peculiaridades surda e sua grande diferença dos ouvintes parte exatamente da sua cultura formada pela Libras que constitui sua identidade. Optou-se pela leitura de Fellipe (2001); Perlin (2005); Salles et al (2004); Silva (2010). Dessa forma, percebeu-se que os surdos ainda continuam sua luta por reconhecimentos, apesar da Libras ter sido oficializada por lei, as particularidades que se constitui diante da língua como história, cultura e identidade ainda é um objetivo a ser conquistado pelos surdos.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Libras. Surdos.

ABSTRACT

This study aims to discuss the culture and deaf identity through Pounds as a tool for inclusion. This justifies the need to research this information on the peculiarities deaf and their great difference from listeners just part of their culture formed by Pounds to it is an identity. We opted for the reading Fellipe (2001); Perlin (2005); Salles et al (2004) e Silva (2010). Thus, it was realized that the deaf still continue their struggle for recognition, despite the pounds have been made &8203;&8203;official by law, the particularities that is on the tongue as history, culture and identity is still a goal to be achieved by the deaf.

Keywords: Culture. Identity. Pounds. Deaf.

1 INTRODUÇÃO

A história da comunidade surda em busca dos seus direitos é uma constante, apesar da Libras- Língua Brasileira de Sinais ter sido reconhecida por lei, as suas implicações de língua na comunidade surda, ainda não foram percebidas ou aceitas pela sociedade, ocasionando aos surdos a busca pelo seu objetivo imediato, reconhecimento cultural que através da Libras lhe constitui uma identidade surda e a inclusão social.

A identidade de uma pessoa é formada, principalmente pela língua materna, ou seja, a língua que os pais transmitem aos seus filhos, no caso do surdo, depende da sua língua materna: a Libras ou a língua portuguesa, como a Libras é nata da comunidade surda, isto é, aprende de forma espontânea, porém se tiver o contato com os surdos adultos o mais cedo possível. “As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito.” (PERLIN, 2005, p.77). O surdo pode escolher, a Libras ou a língua portuguesa, de acordo com sua escolha linguística, esta definirá sua identidade e sua cultura, a dos ouvintes ou a da comunidade surda.

Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa é compreender a cultura e a identidade surda através da Libras como

instrumento de inclusão. A justificativa é a falta de materiais esclarecedores que norteiem para uma prática social mais eficaz em relação aos ainda existentes preconceitos e também por melhorias no quadro educacional uma vez que os surdos estão inseridos nas escolas regulares e buscam os mesmos direitos dos ouvintes, portanto, é de extrema importância saber mais a respeito de suas peculiaridades para que medidas sejam repensadas e efetivadas para garantir uma educação cada vez mais de qualidade e uma integração social de forma geral.

Na metodologia da pesquisa bibliográfica, procurou-se apresentar o tema e a problematização na introdução, passando dessa forma para o item seguinte a metodologia que dividiu esse estudo em quatro capítulos e os dois seguintes discutem sobre a cultura e a identidade surda; outro sobre a Libras como instrumento de inclusão partindo então para a conclusão destacando os pontos fundamentais encontrados na bibliografia e discutidos nesse trabalho.

Dessa forma, percebeu-se que a cultura e a identidade surda ainda é um objetivo a ser reconhecido pela sociedade em geral que ainda vê o surdo com uma pessoa que precisa de cuidados médicos, dificultando seu desenvolvimento enquanto uma comunidade. Portanto, os surdos também merecem o reconhecimento cultural da sua língua, a Libras, marcada por sua história, sua literatura, costumes e tradições, ou seja, como qualquer outra língua, a Libras também traz suas riquezas culturais, sua forma escrita: o SignWriting, produções científicas e experiências sociais produzidas e reproduzidas pela comunidade surda ao assumir a surdez com suas diferenças históricas e culturais.

2 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo faz o percurso traçado pelas bibliografias e documentos encontrados relacionadas ao tema cultura e identidade surda: a Libras como instrumento de inclusão para chegar até ao objetivo proposto de forma coerente e simples.

A escolha por pesquisa bibliográfica se deu por ser um assunto que exige análise de autores que trabalham a cultura e a identidade surda, por isso escolheu-se como base desse estudo Skliar (1998) e Strobel (2008). Segundo Xavier (2010, p.56), “em geral quando um problema surge dentro de um tema e desperta o desejo no pesquisador de investigá-lo, caberá a este, em primeiro lugar, fazer uma varredura bibliográfica sobre livros, revistas especializadas, jornais, sites da internet para ler tudo que já foi publicado sobre aquele tema e problema”.

Assim, percebe-se a Libras possui aspectos enquanto língua, suas diferenças culturais, históricas e escrita da Libras, o SignWriting. Todos esses elementos fazem parte da língua de sinais e apesar do seu reconhecimento oficial, suas implicações não são discutidas e nem há um interesse das escolas, o principal veículo de transmissão cultural, para que a comunidade surda tenha seus direitos equiparados aos ouvintes, a escola teria que trabalhar o bilinguismo de forma ampla, em todas suas vertentes como na língua portuguesa para ouvintes.

3 CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Muito tem se falado em Surdos, Libras, Educação, História, mas ainda não foi percebido ou não aceito o fato de todos os elementos relacionados aos surdos serem uma cultura que os identificam como pessoas surdas com identidade própria.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo (STROBEL, 2008, p.22)

Segundo Skliar (1998), explicar a Cultura Surda como um grupo de pessoas localizado no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal, monolítica. Wrigley (1996) complementa que a surdez é um ‘país’ sem um ‘lugar próprio’, ou seja, é uma cidadania sem uma origem geográfica. O ‘ouvintismo’ segundo Skliar: “(...) é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (1998a, p. 15) e as práticas ouvintistas, segundo Camillo podem ser:

[...] conjunto de estratégias e ações que podem ser tanto físicas, visíveis ao corpo do surdo, como as próteses auditivas, por exemplo, quanto subjetivas, como às formas de disciplinar o surdo, as normas, os costumes, jeitos e trejeitos ouvintes sujeitando esses sujeitos ao ouvintismo, às práticas de normalização que imprimem um jeito de “ser surdo ouvintizado” (2008, p. 23-24).

Não há um consenso para que a sociedade majoritária reconheça e considere a cultura surda justificando que os surdos vivem imersos em uma cultura majoritária, a cultura ouvinte, que também é partilhada pelos surdos, porém muitos sociólogos e antropólogos definem os surdos como subcultura, já os cientistas e líderes surdos não aceitam pelo fato de que o prefixo “sub” denota uma subordinação da cultura ouvinte. Segundo Anderson (1994, p.4), sociólogo e membro do departamento de Estudos surdos da Universidade de Gallaudet, “a cultura dos surdos sinaliza que as normas, valores, tecnologia e linguagem dos surdos são diferentes dos de outros grupos humanos.”

No Brasil, os surdos e ouvintes estão imersos no mesmo ambiente físico e compartilham dos mesmos hábitos e costumes, porém os surdos possuem algumas particularidades que os diferenciam dos ouvintes: suas vivências e experiências visuais. “[...] no caso do Brasil, a cultura brasileira, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte, fato que torna os surdos indivíduos multiculturais.” (SALLES et al, 2004, p.40). Skliar defende que

[...] é possível aceitar o conceito de Cultura Surda por meio de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções, pois a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica. (SKLIAR, 1998, p.28)

Segundo Salles et al (2004, p.40), caracterizar a Cultura Surda como multicultural é o primeiro passo para admitir que a Comunidade Surda partilha com a comunidade ouvinte do espaço físico e geográfico, da alimentação e do vestuário, entre outros hábitos e costumes, mas que sustenta em seu cerne aspectos peculiares, além de tecnologias particulares, desconhecidas ou ausentes do mundo ouvinte cotidiano. Os surdos possuem “uma forma peculiar de apreender o mundo que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas. A esse *modus vivendi* dá-se o nome de &39;Cultura Surda&39;.” (FELLIPE, 2001, p.38).

É através da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária. Um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade.

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social. (PERLIN, 2004, p.77-78)

É interessante mostrar os conceitos de Identidade surda de acordo com Perlin (1998), que muitas vezes a não escolha de uma identidade, surda ou ouvinte, por um surdo, lhes deixa deslocado, ou seja, sem a certeza de quem realmente é:

- **Identidade flutuante** - o surdo se espelha na representação hegemônica do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte;
- **Identidade inconformada** - o surdo não consegue captar a representação da identidade ouvinte, hegemônica, e se sente numa identidade subalterna;
- **Identidade de transição** - o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada - o surdo passa por um conflito cultural;

- **Identidade híbrida** - reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e se ensurdecaram e terão presentes as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral;
- **Identidade surda** - ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência na Língua de Sinais. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre os espaços culturais surdos.

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda. Surgem com ela as associações de surdos, onde se relacionam, agendam festinhas de final de semana, encontros em diversos *points*, como em bares da cidade, em *shoppings* etc. (SALLES, 2004, p.41)

É na comunidade surda que são discutidos o direito à vida, à cultura, à educação, ao trabalho, ao bem-estar de todos. Nela também são gestados os movimentos surdos caracterizados pela resistência surda ao ouvintismo, ou seja, “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998, p.151), em outras palavras se refere à ideologia ouvinte. Segundo Felipe (2001), é por meio da comunidade surda que os surdos atuam politicamente para terem seus direitos linguísticos e de cidadania reconhecidos. Nesse sentido, a Cultura Surda é “focalizada e entendida a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.” (SKLIAR, 1998, p. 5).

No Brasil, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) é um dos espaços conquistados pelos surdos, onde partilham ideias, concepções, significados, valores e sentimentos, que emergem, também, no Teatro Surdo, no Humor Surdo, na Poesia Surda, na Pintura Surda, na Escultura Surda e assim por diante - manifestações culturais e artísticas, sem a interferência de ouvintes, que refletem peculiaridades da Visão Surda do mundo e envolvem questões de relacionamento, educação, entre outras. (SALLES et al, 2004, p. 42).

O Humor Surdo retrata, preferencialmente, a problemática da incompreensão da surdez pelo ouvinte. Merece alusão a piada intitulada “Árvore”, extraída da *Revista da FENEIS*, ano 1, nº 3, julho/ setembro 1999 - uma piada que retrata toda a história da educação dos surdos: uma história de conflitos e fracassos sociais e educacionais, mas que começa a mudar a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser reconhecida como o meio de expressão dos surdos.

Ao menos uma vez a cada ano, em diversas capitais do Brasil e do mundo, há uma série de atividades desenvolvidas, entre as quais festivais, congressos, seminários, todos abertos também à participação de ouvintes, nos quais se apresenta muito sobre “o jeito Surdo de ser, de pensar e de viver”, manifestado por meio de sua arte e cultura. Muitos deles ocorrem em datas próximas ao dia nacional dos surdos, no Brasil, comemorado em 26 de setembro, data de fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES.

[...] as Comunidades Surdas no Brasil têm como fatores principais de integração: a LIBRAS, os esportes e interações sociais, possibilitados não apenas pelo convívio dos surdos na FENEIS, nas suas respectivas associações, mas também na Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS), entidade que se preocupa com a integração entre os surdos por meio dos esportes e do lazer e comporta seis federações desportivas e, aproximadamente, 58 entidades, entre associações, clubes, sociedades e congregações, em várias capitais e cidades do interior. (FELIPE, 2001, p.63).

Acrescente-se o fato de que, em algumas partes do país, os surdos participam ativamente de fóruns pelos direitos humanos, em que são discutidos temas referentes à educação, ao trabalho, à saúde e à participação política dos surdos.

Segundo Salles et al (2004), há comportamentos e tecnologias incorporados na vida diária da Comunidade Surda, a

maioria dos quais objetiva a comunicação, o contato do surdo com o mundo dos sons, e entre eles mesmos a distância, por meio de uma &39;agenda surda&39; bem definida, na qual se destacam: os *torpedos*, que, apesar de recentes, vêm se ampliando significativamente; a comunicação por meio de Telefones para Surdos (TS) para TS (instalados em residências, entidades privadas ou associados a telefones públicos), cujo número, na maioria das capitais brasileiras, é 1402.

Em Porto Alegre, há a diferenciação de uma chamada de TDD para aparelho convencional, *paggers*; bips; fax; a telemática (comunicação via *internet* por meio de *e-mails*, *chats*, listas de discussão, *icq*, etc.); sinalização luminosa para campainhas, telefone, alarme de segurança e detector de choro de bebê; relógios de pulso e despertadores com alarmes vibratórios; legendas ou tela de intérprete na TV intérpretes *in loco* (nas igrejas, escolas, repartições públicas, hospitais, delegacias, comércio em geral etc); adaptação da arbitragem nos esportes, substituindo os apitos por acenos e lenços; entre outros. (Op. cit).

No dia-a-dia da pessoa surda, há jogos, técnicas, brincadeiras e comportamentos interativos, ora adaptados de jogos de ouvintes, ora criados pela própria Comunidade Surda. Para fins de ilustração, apresentam alguns jogos e técnicas adaptados: escravo de Jó, telefone sem fio, entre outros. Segundo Salles et al (2004), a forma como rezam a oração do Pai Nosso também é interessante: enquanto ouvintes se dão as mãos, os surdos unem seus pés para poderem partilhar em &39;voz alta&39; (com a língua de sinais) da oração universal do cristianismo.

Em relação a LIBRAS, cabe ressaltar a forma como os indivíduos são nomeados, atribuindo-se aos sujeitos características físicas, psicológicas, associadas ou não a comportamentos particulares, os mais variados, os quais personificam e, de certa forma, rotulam os indivíduos. É uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus falantes.

Esse contato acontece, normalmente, com a participação nas Comunidades Surdas, onde a Cultura Surda vai pouco a pouco florescendo e, ao mesmo tempo, se diversificando em seus hábitos e costumes, que, pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais da Comunidade Surda. Nesse sentido, é fundamental o contato da criança surda com adultos surdos e outras crianças surdas para que haja um *input* linguístico favorável à aquisição da língua, possibilitado por um ambiente de imersão em língua de sinais.

Segundo Salles et al (2004), a cultura de uma dada sociedade não se constrói a partir dos processos de escolarização dos conhecimentos, entretanto tais processos contribuem para a constituição de diferentes significados culturais. Longe de minimizar o significado da língua de sinais na vida do surdo, é interessante ressaltar que pesquisas sustentam que “se uma criança surda puder aprender a língua de sinais da comunidade surda na qual será inserida, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte” (FELIPE, 2001, p.96-97). A possibilidade de ser plenamente multicultural é ter oportunidades nos dois mundos, surdo e ouvinte.

A língua de sinais, uma vez entendida como a língua materna do surdo, será, dentro da escola, o meio de instrução por excelência. A instrução deve privilegiar a &39;visão&39;, por meio do ensino da língua portuguesa escrita, que, por se tratar de disciplina de segunda língua, deve ser ministrada em turma exclusiva de surdos. Segundo Faria (2001), é preciso que os profissionais envolvidos com o ensino de língua portuguesa para surdos, conscientes dessa realidade, predisponham-se a discutir constantemente esse ensino, buscando alternativas que permitam ao surdo usufruir do seu direito de aprender com igualdade, entendendo-se, no caso do surdo, que para ser “igual” é preciso, antes, ser diferente. Recomenda-se que a educação dos surdos seja efetivada em língua de sinais, independentemente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo.

Nesse processo, cabe ainda considerar que os surdos se inserem na cultura nacional, o que implica que o ensino da língua portuguesa deve contemplar temas que contribuem para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros e, conseqüentemente, com o mundo da lusofonia, exatamente como ocorre na disciplina língua portuguesa ministrada para ouvintes, que têm a língua portuguesa como língua nativa, de literatura em sinais que precisam fazer parte do processo de alfabetização de crianças surdas.

Segundo Quadros (2000, p.9), o papel do surdo adulto na educação se torna fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda. É preciso produzir histórias utilizando-se configurações de mãos específicas, produzir histórias em primeira pessoa sobre pessoas surdas, sobre pessoas ouvintes, produzir vídeos de produções literárias de adultos surdos.

Uma outra questão relevante na alfabetização de surdos diz respeito à sua escrita. Vem-se, há anos, no Brasil, alfabetizando surdos em língua portuguesa e reforçando a Escrita Surda numa interlíngua que apresenta, geralmente, a estrutura da língua de sinais com vocabulário de língua portuguesa. Reflexões sobre a alfabetização de surdos sugerem, entretanto, que a alfabetização destes deva se realizar, inicialmente, em língua de sinais. E uma proposta de

ensino, sem dúvida, emerge aos poucos e timidamente, por meio da tecnologia oferecida pelo *signwriting* ou língua escrita de sinais.

Acredita-se que o *signwriting* é uma forma de agregar as tecnologias educacionais empregadas no ensino de surdos, além de tornar perenes e sólidas suas ideias, confirmando, reforçando e ampliando a &39;marca surda&39; de pertinência no mundo e, quem sabe, por meio dela, a História Surda se construa e se sustente sobre a &39;voz&39; da maioria surda, definindo-se e estabelecendo, enfim, a Cultura Surda pelo próprio surdo, por ideal, por opção, por convicção, por SER SURDO.

Cabe finalmente perguntar o que a sociedade ouvinte tem realizado para permitir ao surdo o acesso à sua cultura e à cultura ouvinte, contribuindo para a inclusão do surdo na sociedade, respeitando sua cultura. Em termos educacionais, há uma série de iniciativas que emergem e se expandem a cada dia mais e com efeitos mais previsíveis e satisfatórios, alimentados pela crescente pesquisa na área, dentro de diversas instituições, especialmente, nas universidades brasileiras.

Nesse sentido, existem vários materiais didáticos, selecionados entre tantos outros existentes. Alguns são comercializados, outros, distribuídos gratuitamente: vídeos de poesias, histórias infantis, fábulas; vídeos produzidos pelo INES: Histórias Infantis em Língua de Sinais: Introdução às Operações Matemáticas; O Verbo em Português e em LIBRAS; Hino Nacional; Material distribuído pelo MEC; Vídeo sobre prevenção ao abuso de drogas e Prevenção de HIV - AIDS/DST para pessoas surdas; Livros diversos e dicionários em Libras.

É interessante também apresentar uma breve relação de alguns dos filmes que envolvem a temática da surdez e que auxiliam ouvintes a perceberem um pouco mais da realidade do surdo: *Filhos do Silêncio*; *O Milagre de Anne Sullivan*, *Meu Adorável Professor*, *Pontes do Silêncio*, *A Música e o Silêncio*. Não são filmes ainda dirigidos por surdos, no entanto tratam de forma interessante a questão da surdez e como ela foi e vem sendo encarada pelo surdo independente de uma comunidade, pela Comunidade Surda propriamente dita e pela sociedade ouvinte.

Segundo Quadros (2000), já é tempo de reconhecer a língua de sinais, a escrita da língua de sinais, a riqueza cultural que a comunidade surda traz com suas experiências sociais, culturais e científicas. Se não somos competentes na língua usada pela comunidade surda e desconhecemos a riqueza cultural que pode ser produzida de forma Surda, precisamos buscar esse conhecimento ou optar por outra carreira profissional. A educação de surdos não pode mais continuar refém da falta de conhecimento dos profissionais que estão envolvidos na educação de surdos. Temos muito a fazer no processo de alfabetização e no ensino da língua de sinais para garantir a aquisição da leitura e escrita das crianças surdas.

Dessa forma, percebe-se que a cultura e a identidade surda já é bem ampla, porém ainda é uma luta a ser conquistada pelos surdos diante de uma cultura majoritária e dominante que impõe critérios de subcultura a comunidade surda negando muitos avanços e impedindo uma melhor posição dos surdos diante da sociedade em todos os aspectos culturais, educacionais, políticos, econômicos, cognitivo entre outros. Mostrando a importância da reflexão dos educadores e da sociedade em relação à cultura e identidade surda que através do bilinguismo e da Libras oferecem uma oportunidade de integração social.

4 A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

A proposta curricular bilíngue tem por base a diferença cultural, pauta-se na representação política da identidade surda. Não se discute apenas um traço aleatório que constitui esses sujeitos, mas que representações circulem a respeito deles e o poder dessas narrativas no contexto cultural. Nesse espaço, cultura é definida como o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos. Silva (2000).

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008a, p.42-43)

Segundo Skliar (1997), as comunidades surdas que estão refletindo sobre essa temática divergem de propostas

unilaterais e defendem um bilinguismo que reconheça o direito da aquisição e do uso da língua de sinais, não para serem oralizados, mas sim para poderem participar com sua própria língua dos debates que circundam a sociedade atual, no mesmo nível de igualdade e de condições, porém reconhecendo sua singularidade e especificidade.

No caso dos surdos, as propostas educacionais têm lhes custado anos de atraso escolar e em todos os aspectos da sua vida, gerando uma infinita luta por reconhecimento cultural, histórico que através da língua lhes constitui uma identidade. Para Goldfeld (1997), o ambiente linguístico deve ser o mais adequado possível à criança surda, para facilitar a aquisição da língua de sinais e evitar o atraso da linguagem e todas as suas consequências, em nível de percepção, generalização, formação de conceitos, atenção e memória. E acrescenta que provavelmente a língua de sinais será a língua mais utilizada na construção da fala interior e exercerá a função planejadora da linguagem, já que esta é a língua natural para o surdo.

Dentre as propostas educacionais em destaque, estão o oralismo e a comunicação total, ambas com o propósito de oralizar o surdo, ou seja, fazer falar e por isso não obtiveram o êxito esperado, pois não valorizava a especificidades dos surdos que ao assumirem a surdez, utilizam a Libras, como forma de comunicação natural, e toda sua história e cultura formando assim sua identidade, é consciente do seu espaço na comunidade surda e da sua diferença cultural diante da comunidade ouvinte. Essa é a proposta do bilinguismo método já utilizado nas escolas, porém, falta o reconhecimento no currículo escolar dessas especificidades enquanto cidadãos com cultura diferente assim como um estrangeiro que traz sua língua carregada de aspectos culturais, históricos, vivências sociais e produções científicas.

É importante enfatizar que muitas escolas desvalorizam a Libras e utilizam a proposta do bilinguismo com o objetivo de ensinar o surdo a falar a língua portuguesa. Segundo Silva (2010), não significa dizer que a premissa de normalidade do surdo tenha desaparecido com a educação bilíngue. Muito pelo contrário, existem propostas de educação bilíngue que conservam a visão oralista em relação ao surdo. Essas propostas geralmente procuram deslegitimar as línguas de sinais, usando-as enquanto instrumento para a aquisição da língua oral.

Segundo a Federação Mundial dos Surdos, aproximadamente 80% surdos estão fora do ambiente escolar, situação que se agrava ainda mais nos países do Terceiro Mundo. Este dado, para Skliar (1998), deve levar os educadores refletirem sobre as propostas de educação bilíngue, que não devem se restringir apenas à escolarização de surdos, precisam transcender o espaço escolar mediante políticas públicas que propiciem o desenvolvimento linguístico dos surdos em diversos ambientes, articulem os movimentos surdos regional e nacionalmente e coloquem os surdos no campo de educação profissional e mercado de trabalho.

Essa é uma questão muito séria, por que os surdos passaram séculos sofrendo com a proposta oralista e quando tem a oportunidade de intervir no processo educacional, são desvalorizados exatamente na formação da sua identidade e cultura, os surdos são desmerecidos na sua luta por não serem percebidos pelas suas vivências visuais, o que lhe caracteriza como pessoa surda. Segundo Skliar (1998, p.28), não é possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções.

Logo, uma parcela representativa de profissionais que trabalham com surdos acredita que a desigualdade não dependeria de uma privação cultural dos surdos, mas de uma limitação de oportunidades sociais e educacionais. Assim, se exagera o papel da escola, supondo que as restrições econômicas e socioculturais existentes podem ser modificadas e reformadas dentro da instituição escolar, com o objetivo de alcançar uma relativa igualdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permite observar que a Educação bilíngue não deve ser vista somente para implementação de escolas bilíngues, mas que essa proposta transcenda os limites do projeto político pedagógico e leve os educadores a refletir essa proposta de acordo com as condições socioeconômicas, linguísticas e culturais dos próprios surdos. A escola sozinha não vai resolver todo o problema de inclusão e diferenças sociais que os surdos enfrentam, mas pode mostrar alternativas para que a comunidade escolar e a sociedade se permitam conhecer a Libras e oferecer as condições necessárias para uma integração escolar e social de forma efetiva, buscando uma verdadeira equiparação entre surdos e ouvintes, ou seja, uma verdadeira inclusão dos surdos.

A proposta da educação bilíngue, aparentemente humanista, tenta resolver um problema social e histórico apenas no campo educacional, esquecendo-se de que não basta aos surdos terem acesso ao conhecimento, mas precisam também transformar esses conhecimentos em instrumentos de luta que combatam as relações sociais de dominação, como: o currículo adotado na educação de surdos; a modalidade da segunda língua, oral ou escrita e momento de

aquisição da segunda língua – tendem a ouvintizar o processo de luta da comunidade surda, ou seja, pensadas dessa maneira, as propostas bilíngues tentam colocar em foco a língua majoritária sem refletir com a comunidade surda elementos constitutivos de sua educação.

É necessário que essa reflexão possibilite o cruzamento de ideias, contribuindo para sensibilizar a sociedade em relação às necessidades educacionais do surdo, que supõe respeitar sua situação (multi)cultural, promover o estudo científico de sua problemática, propor projetos e ações educacionais, desenvolver tecnologias que venham atender suas necessidades especiais, em uma perspectiva de divulgação do conhecimento e disponibilização democrática dos resultados alcançados.

São esses sentimentos idealistas, tão presentes nas ações dos educadores e dos militantes na educação dos surdos, apresentam-se ainda poucas contribuições, singelas, se considerada a todos os esforços de pessoas experientes no assunto, mas também encarada com seriedade, no desejo de contribuir para a promoção da pessoa humana, principalmente no exercício da função social dos professores universitários, responsáveis pela formação e capacitação dos educadores que vão integrar as comunidades acadêmicas de nosso país, um ponto ainda carente que precisa de profissionais qualificados para que a educação dos surdos, tal qual, a educação em geral vem sendo reproduzida.

Ainda há muito para ser realizado em prol da educação de surdos. A oficialização da LIBRAS foi muito importante para a Comunidade Surda brasileira. Ela prevê intérpretes em escolas, hospitais, repartições públicas, estabelecimentos comerciais, entre outros e abre opções para dar ao surdo o acesso à sua cultura, à sua história e à história da humanidade. Educadores e formuladores das políticas educacionais devem colocar o Surdo num lugar onde ele possa atuar significativamente no protagonismo surdo, na sua identificação consigo mesmo e com o mundo de uma maneira rica e multicultural. Devem, portanto, promover uma educação sustentada numa experiência global a ser organizada dentro dos quatro pilares do conhecimento: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser.

Dessa forma, a questão cultural do surdo na construção de sua cidadania envolve questões como as diferenças humanas, o multiculturalismo, a construção de identidades, a educação, o desenvolvimento de tecnologias, que resultam num panorama no qual fica evidente que, apesar de haver um lugar para a Cultura Surda e outro para a Cultura Ouvinte, não há fronteira entre ambas, pois são complementares e convergem para a formação de cidadãos brasileiros. Assim a cultura e a identidade surda estão em constante construção e reconstrução, porém os surdos buscam um reconhecimento cultural para que sua identidade seja fortalecida e eles passam se desenvolver melhor em todos os aspectos da vida, como uma comunidade que possui valores culturais, políticos e sociais diferentes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

MACHADO, P. C.. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

MOURA, Maria Cecília. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: REVINTER, 2000.

PERLIN, Gladis Teresinha. O lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maria Corcini. (org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, p. 73-82, 2005.

_____. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. Identidade Surda e Currículo, in LACERDA, Cristina Broglia F. e GOES, Maria Cecília Rafael de (orgs). **Surdez: Processos Educativos e Subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

_____. **Educação Bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Tese de Doutorado, Curitiba: UFSC, 2003.

_____. e MIRANDA, WILSON. Surdos: o Narrar e a Política In **Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos** nº 5, UFSC/ NUP/CED, Florianópolis, 2003.

_____ O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Alfabetização e o Ensino da Língua de Sinais. Textura, Canoas, n.3, 2000, p.53-62.**

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: das políticas as práticas pedagógicas**. Florianópolis-SC: Dissertação de Mestrado, 2008.

SILVA, **Vilmar. Educação bilíngüe: o início de uma nova luta.** 2010. <http://pedagojetos.blogspot.com.br/2010/11/educacao-bilingue-o-inicio-de-uma-nova.html>. Acessado em 03 de Setembro de 2013.

SKLIAR, C. (Org.). **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: editora da UFSC, 2008.

_____. **SURDOS: Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis: Tese de doutorado, 2008.

XAVIER, Antônio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Rêspel, 2010.

Mestranda em Educação (UFS), Especialista em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais: educação especial (Faculdade São Luís de França), Graduada em Letras - Português/Inglês (Faculdade José Augusto Vieira), e membro do grupo de pesquisa do NUPIEPED (UFS). iranilderochas@gmail.com

Orientadora, Pós-doutoranda e Doutora em Educação pela UFBA, mestre em Educação pela UFS, Especialista em Libras pela FA, Licenciada em pedagogia pela UFS, membro da Associação Brasileira de Educação Especial e Vice-líder do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência da UFS (NUPIEPED). ritacssouza@yahoo.com.br

Recebido em: 03/07/2015

Aprovado em: 05/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: